



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — **Dr. Manuel Marques dos Santos**
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa

Administrador: — **Padre António dos Reis.**
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Crónica de Fátima

13 DE DEZEMBRO

O inverno em Fátima

Com o início da quadra triste e melancólica do Inverno é chegada a época do frio, da chuva e da lama, em que o movimento das peregrinações afrouxa consideravelmente e quasi desaparece por completo.

Já não se faz a procissão nocturna das velas, já não se adora, durante horas consecutivas, Jesus-Hóstia exposto num trono de flores e de lumes, já cessou o valvém das multidões numerosas de romeiros que circulam na Cova da Iria nas quadras encantadoras da Primavera e do Estio, imprimindo-lhe aquela nota de vida intensa que é a feição característica dos grandes Santuários Marianos.

Mas, em compensação, os grupos de peregrinos e os peregrinos isolados que, neste período desagradável e por vezes lúgubre do ano, acorrem ao recinto das aparições, encontram um ambiente mais próprio para a prática dos actos de culto particular, um silêncio mais favorável ao afervoramento da sua piedade uma solidão propicia ao recolhimento interior e aos santos exercícios da oração mental e vocal.

Desta sorte, tudo quanto o incomparável laboratório de vida religiosa, que é Fátima, perde em extensão, ganha-o de certo em intensidade, elevando sem cessar para o Céu as súplicas fervorosas de milhares de almas, sacudidas pela forte rajada do sobrenatural que sopra, como uma grande bênção de Deus, nas cumeadas da serra de Aire para salvação de Portugal.

É ali, naquele cantinho abençoado da terra de Santa Maria, onde a Rainha dos Anjos ergueu o seu trono de amor e de misericórdia, que os fiéis, cheios de fé e confiança no seu poder e na sua bondade maternal, vão buscar força e coragem para as lutas da existência, resignação e conforto nas provações, remédio ou lenitivo para toda a sorte de males físicos e morais.

Mais um ano

É já decorrido mais um ano sobre os acontecimentos maravilhosos que se desenrolaram na Cova da Iria em 1917, a época bem dita das aparições da Virgem aos humildes pastorinhos de Aljustrel.

Se volvermos um olhar retrospectivo para esse longo período de treze anos, assinalado por tantas maravilhas divinas, as nossas almas de crentes exaltam de alegria e os nossos corações sentem instintivamente a necessidade de fazer transbordar em demonstrações de piedade ardoro-

sa os seus sentimentos de profunda e vivíssima gratidão.

Fátima tem sido, com efeito, a escola mais alta, mais perfeita e mais completa de formação religiosa no nosso país, o foco intensíssimo donde

irradiam constantemente as graças preciosas que inundam em caudais imensos a mimosa terra de Portugal.

Fátima, a Lourdes portuguesa, está posta na nossa querida Pátria como cidadela do bem, como fortaleza inex-

pugnável para a defesa do tesouro da fé e da moral cristã contra todos os ataques da impiedade e da corrupção, mantendo sempre a distância, apesar das suas formidáveis investidas, o exército dos inimigos de Deus.

Milhares e milhares de crentes ali conseguem fortalecer a sua fé e intensificar a sua piedade ou encontram, sem esperarem, a sua ditosa estrada de Damasco.

Através dos séculos ignorados do porvir, esse nome uma e mil vezes bendito, soará como um canto magnífico de triunfo em honra de Jesus-Hóstia, como um hino celeste de gratidão e de amor para com a Augusta Rainha do Santíssimo Rosário.

Sobre os montes áridos e escavados da serra de Aire, sopram dois ventos: um é o vento natural que purifica a atmosfera e tonifica os pulmões, o outro é a rajada fortíssima de sobrenatural que invade, penetra até às fibras mais intimas, purifica e torna mais generosas as almas e os corações.

Os actos religiosos oficiais

No dia treze de Dezembro último, apesar da inclemência do tempo, os actos religiosos officios comemorativos das aparições e dos sucessos maravilhosos de 1917 realizaram-se ao ar livre, no altar do pavilhão dos doentes.

Foram em grande número os fiéis que se aproximaram da mesa eucarística, tendo-se confessado muitos deles na igreja da Penitenciaria, onde os confessorários estiveram sempre ocupados, desde alta madrugada até depois do meio-dia.

No Posto das verificações médicas compareceram alguns doentes, cujos nomes ficaram registados no livro respectivo e que depois da Missa official receberam a bênção do Santíssimo.

Efectuou-se, com a solenidade e o entusiasmo do costume a primeira procissão, em que a Imagem de Nossa Senhora de Fátima foi conduzida aos ombros dos servitas da capela das aparições para a capela das missas.

Depois do sermão, começou a cair uma chuva miudinha e impertinente, que obsteu a que se realizasse a «procissão do adeus».

Os peregrinos dispersaram pouco a pouco e antes do fim da tarde já não se via ninguém naquele lugar santificado pela presença da Virgem Santíssima e favorecido com as bênçãos mais preciosas e mais escolhidas do Céu.



Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Teotónio, Patriarca das Índias e Arcebispo de Goa que, antes de partir para o Oriente foi, em peregrinação, ao Santuário de Fátima, onde celebrou a Santa Missa na Capela das Aparições

Visconde de Montelo

Graças de N. Senhora de Fátima

Prisão de Ventre.

Rev.^{mo} Sr.

Em cumprimento de uma promessa que fiz, peço a graça de publicar no jornal de Fátima a graça que obtive, por intermédio de N. Senhora de Fátima.

«Há dois anos que a fé me levou a Fátima na esperança, bem radicada, de obter de Maria Santíssima o que de facto estou plenamente convencida ter obtido, embora indignamente. Sentia, já há muito, fortes dores no ventre — lado direito — seguidas de vômitos e prisão de ventre. Consultei o meu médico Sr. Dr. Alberto Cruz que, durante 2 anos, me tratou do fígado, sem resultado sensível.

Algum tempo depois peorei bastante, dando-me duas cólicas que me prenderam o andamento da perna direita. Receando que fosse uma apendicite levaram-me ao Porto, ao Rai X, onde o Sr. Dr. Pinto Leite disse ser uma inflamação nos intestinos e ovários. Nova receita sem resultado.



Alzira da Costa Brito

Cançada de tantas consultas e, sobretudo, levada pelo amor da pureza, cheguei a pedir a Maria Santíssima que me levasse para Ela, livrando-me assim de nova consulta que, em razão da doença, para mim era custosa. Entretanto foi-me nascendo a esperança de que se fosse a Fátima seria curada. Este desejo dominou-me tornando-se em certeza. Foi então que, obtida a licença de meus pais, encorporei-me com um irmão meu numa peregrinação que, em 13 de Maio de 1928, partiu do Porto. Voltei contente. Comecei a comer de tudo sem que isso me fizesse mal.

Os vômitos e a prisão de ventre desapareceram, só de longe em longe sentia as dores que antes me atormentavam. Na incerteza ainda do milagre, novamente invoquei com mais fervor ainda pedindo-lhe que acabasse de realizar a cura que já sentia, afim de cumprir as promessas que havia feito. E graças a minha Mãe Maria Santíssima já lá vão perto de 2 anos sem que note o minino sintoma do que antes padecia. Convencida, portanto, de que aquilo que os médicos não fizeram o Céu me fez, venho por este meio, humildemente agradecer, glorificando Aquela que debaixo da invocação de N. Senhora de Fátima é a consoladora dos aflitos.

E assim cumpro a última das minhas promessas.

De V. R.^{as}

M.^{to} att.^{as} ven.^{as} obrig.^{as}

Freamunde, 16 de novembro de 1930.

Alzira da Costa Brito

ATESTADO DO MEDICO

Alberto Carneiro Alves da Cruz — médico etc.

Atesto sob palavra d'honra ter sido o assistente da Ex.^{ma} Sr.^a D. Alzira da Costa Brito, filha de António José de Brito e de Henriqueta Moreira Dias da Costa de 29 anos de idade, natural e residente em Freamunde, do concelho de Paços de Ferreira, a qual desde 1926 vinha sofrendo de graves perturbações gastro-intestinais, manifestando-se por vezes, complicações o fígado e rins que mais vinham sombrear o prognóstico do seu estado. Ensaíram-se vários tratamentos e solicitou-se o au-

diário doutros colegas, sem que a doente experimentasse sensíveis melhoras do seu estado físico e moral. E, sem que os recursos profissionais lhe tivessem dado resultado, desde 1928 que ela se encontra em magnífico estado, com a sua fisiologia normalmente estabelecida, consoante o tenho confirmado.

E por ser verdade passo o presente que assino.

Freamunde 27 de Novembro de 1930

Alberto Carneiro Alves da Cruz

Sofrimento dos ouvidos.

Alvaro Pereira Soares, Major, S. Paulo — Brasil, diz o seguinte:

Desde a minha infância sofro dos dois ouvidos (inflamação), sofrimento esse agravado durante o período (14 anos) em que estive no serviço militar cuja arma foi — artilharia. Daí a causa da minha redusida audição, a qual a despeito de rigoroso e prolongado tratamento, não logrei melhorar... Conformado e também resignado com esse sofrimento, não mais deligencieei minora-lo.

Eis que ultimamente comecei a sentir melhor as vozes e os ruídos, não sabendo a que atribuir esse agradável facto. Verifiquei, pois, ter aumentado bastante a sensibilidade dos meus ouvidos, porquanto observei que estava ouvindo com maior facilidade, quer quando em conversas, quer o bater de horas, businas de automóveis, apitos de locomotivas e tráfego de veículos de qualquer espécie. O que até então, não me acontecia com a facilidade e nitidez de agora. Como acabo de expôr, conclui, que, efectivamente, estou com a minha audição muito melhorada, cuja causa acredito resultar de Nossa Senhora de Fátima ter atendido a promessa que a meu respeito lhe fez a minha boa mãe.

E, crente como sou, na infinita bondade de Deus, espero que Ele me dará a alegria de recuperar inteiramente a cura milagrosa dos meus ouvidos como sempre desejei e desejo. Concluída como está a minha declaração, fica o amigo autorizado a fazer dela o uso que lhe convier para maior glória de Deus, e da Virgem Maria que sendo Rainha dos portugueses, se compadece também dos seus filhos das outras nações.

Um quisto.

E com grande satisfação e alegria que me dirijo a Vossa Reverência para mandar publicar no jornal *A voz da Fátima* um milagre que a Virgem Santíssima me fez.

Durante cinco anos sofri dum quisto na espinha.

Não cheguei a mostrá-lo aos médicos porque tive vergonha, mas em modo de conversa fiz-lhe saber do que sofria ao que me responderam que necessitava de ser operada.

Fiquei aflitíssima e temia as dores que tinha de sofrer. Recorri então a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, prometi fazer-lhe uma novena e ao terminá-la estava curada. Agora grata reconhecida à Virgem Santíssima (saúde dos enfermos) me confesso sua fiel serva *Beatriz de Barros Pinto Brochado*. — Forjães, *Esposende*.

Duas graças a favor duma creancinha

Aparecendo numa minha filhinha, com poucos dias de idade uma infecção na pele de character suspeito, a qual depois dalgumas evoluções tomou o aspecto dum feio eosema, em todo o corpo (principalmente nos olhos e naris) e sabendo-se de casos semelhantes que levaram anos a curar, começámos uma novena a N.^a Sr.^a da Fátima pedindo a cura da pequenina.

Prometi a N. Sr.^a publicar a graça das suas melhoras se ao fim da novena elas se notassem.

Aconteceu mais e melhor: no fim da novena estava completamente curada. Seguimos, é verdade, as prescrições do nosso médico mas isso não impede de considerarmos como uma verdadeira graça de N.^a Sr.^a as melhoras e cura tão rápida durante a novena, pois o tratamento que se lhe fez foi o que já se fazia antes, sem resultado favorável. Tomou água da Fátima e laváram-se-lhe com ela os olhos e

naris, que, sendo o que estava peor foi o que primeiro se curou.

Sobreveio-lhe a terrível coqueluche e ao fim dum mes de bastantes sofrimentos provocados por tão má doença vimo-la um dia tão doentinha que a julgámos perdida. Recorri novamente a N.^a Sr.^a e começámos outra novena fazendo eu igual promessa à anterior. Ao segundo dia já tinha alívios grandes e estes acentuaram-se mais durante a novena. N.^a Sr.^a tomou este anjinho sob a sua protecção, creio-o, e, cheia de gratidão o publico.

Se depois destas graças N.^a Sr.^a entender que o anjinho deve ir para o Céu curvar-me-hei submissa, e a minha confiança e gratidão para com a Mãe de Deus Nosso Senhor, será a mesma!

subscrovo-me

Maria do Carmo Ribeiro Correia

Duas graças espirituais obtidas por N. Senhora da Fátima com a imposição da medalha milagrosa.

Dois doentes, um homem e uma mulher, há muitos anos que não recebiam os Sacramentos mas, por uma graça especialíssima obtida pela Virgem Santíssima, a mulher recebeu os últimos Sacramentos no dia da Conceição Imaculada da Santíssima Virgem, e o homem, 3 dias depois de colocar a medalha milagrosa, recebia-os também com muito boa disposição. Bemdito seja Deus e a Sua Mãe Imaculada!

Coimbra — L. A.

António Joaquim do Fétil da mesma freguesia diz o seguinte: Tinha perdido a voz há já muito tempo e de tal maneira que dificilmente me percebi a falar. Triste com isto pedi a Nossa Senhora de Fátima, que me curasse prometendo-lhe, se conseguisse a graça, dar uma volta de joelhos cantando por todo o recinto sagrado, junto às paredes interiores do mesmo, começando junto ao portão central e terminando lá também. Quatro dias depois já sentia algumas melhoras e dez dias depois estava a minha voz completamente clara!

A treze de Julho de 1929 fui a Fátima cumprir a minha promessa. Acompanhavam-me de pé algumas pessoas compadecidas de mim e que me davam água de vez em quando porque estava muito calor. No entanto eu continuei sempre de joelhos, cantando e graças à Virgem Santíssima, nem então nem daí em diante a minha voz tornou a desaparecer.

DOENÇAS INTERIORES

Maria de Jesus, de 60 anos, do lugar de Cadavais, freguesia de S. Simão sofria há muitos anos de doenças interiores. Consultara já muitos médicos estando todos de acôrdo em que devia ser operada.

Repugnava-me imenso sujeitar-me a uma operação e por isso fui adiando-a mas por isso mesmo fui peorando de tal maneira que já nem podia ir à missa. Meu marido convidou-me a ir a Fátima, mas eu tão doente como estava não tinha coragem para empreender tal viagem. Enfim lá fomos. Ao passar por S. Catarina ia já mais morta do que viva, de maneira que foi necessário descançar aí um pouco. Entrei dentro da Igreja e foi lá deante de Jesus Sacramentado que tomei o meu descanso. Passadas algumas horas retomámos o caminho de Fátima onde chegámos algumas horas depois de novo quasi desfalecida. Apenas fitei os meus olhos nos da Virgem Santíssima as lágrimas começaram a correr-me pelo rosto abaixo!

Rezei o meu terço e mais orações e o meu mal desapareceu sem mais medicamento algum!...

De então para cá já lá fui 6 vezes e sempre com relativa facilidade cheia de grande alegria pelo beneficio que me concedeu Nossa Senhora a quem quero aqui agradecer publicamente.

Maria de Jesus

DORES NOS OSSOS

Sofria gravemente com um triste mal estar e com dores agudas nos ossos. Estes meus sofrimentos eram-me mais dolorosos ainda porque tinha duas criancinhas de peito e assim não as podia alimentar.

Depois de consultar, sem resultado, alguns médicos, comecei a tomar todos os dias umas gotinhas da água de Nossa Senhora de Fátima e a rezar o terço e

três avé-Marias em memória das dores que teve a Virgem Santíssima quando, sem lhe poder valer, via seu amado filho agonizando na Cruz. Ou por isso ou por outra coisa o certo é que me sinto completamente boa graça que já fui agradecer a Nossa Senhora de Fátima.

Cadavais — S. Simão.

Maria da Conceição

Por falta de tempo?

Não tenho tempo de me ocupar de religião, dizes tu.

Olha que desculpa! No entanto (fica sabendo) trata-se da eternidade e destas coisas ignora tudo quem cá no mundo passa sem religião.

Não. Não temos o direito de tratar a religião como coisa de somenos importância, como uma questão accessória, como um simples zero colocado em frente da unidade.

Poderemos na verdade chamarmo-nos homens se ignoramos o que somos, donde vimos e para onde vamos, — ou, se o sabemos, vivendo como se o não soubéssemos?

E tu a dizer que não tens tempo de te ocupar de religião!

Estarás tu mais esmagado de ocupações que o rei S. Luís que tinha todo um reino para governar? Havia quem o censurasse por dar tanto tempo aos exercícios de piedade, desprezando assim os negócios do estado. A isto respondeu êle: «se eu passasse o mesmo tempo a caçar ou a jogar, como tantos fazem, todos achavam bem».

Terás tu mais que fazer que Lamoricière que comandava os exércitos do Papa? Um dia Pio IX citou-lhe um texto de S. Agostinho. O general acabou a citação e fez o mesmo a um texto de S. Irineu. Pio IX admirado perguntou-lhe: «Onde é que o general estudou as Obras dos Santos Padres?»

«Nos campos da batalha», respondeu Lamoricière. A gente não está sempre em fogo e eu consagro o tempo de descanso a estas leituras em que encontro sempre muito encanto. E tu não tens tempo?

— E olha que a religião não é coisa supérflua, que tu possas dispensar.

Estás tu ao abrigo da dor? Não tens paixões a combater, desgraças a prevenir, filhos a educar, mortos a chorar? Se hoje tens saúde e vives prósperamente não estás livre das eventualidades de amanhã: a morte de um filho querido, a ruína inesperada duma saúde de ferro, o esquecimento e a ingratitude dos teus semelhantes, a perda da tua reputação, um revez de fortuna... catástrofes de todos os dias, depois das quais não há outro apoio no mundo senão a cruz, nem outro asilo senão a igreja, nem outra consolação real senão a oração.

Eu vos lastimo, ó ricos e grandes do mundo, eu vos lastimo a vós, operários e servos se os vossos olhos ao levantarem-se da terra não sabem olhar para o lado da cruz, — se, quando tudo vos falta, os vossos pés não conhecem o caminho da igreja, — se, nas horas em que soluçais, os vossos lábios não tem o hábito da oração, — se, quando a terra já não tem nada que vos dar, a religião não é para vós uma porta à qual não sabeis bater, um país cujos caminhos vos são desconhecidos!

E tu não tens tempo de te ocupar de religião!...

— Mas que falar é esse? A teu lado há outros que tem tempo para isso, para se ocupar de religião, não para a respeitar e praticar mas para a ferir e exterminar. Há no mundo, nestes tempos, uma vasta e misteriosa propaganda de blasfêmias e impiedade, que não afrouxa nem um instante.

Aquele que a Sagrada Escritura chama o príncipe dêste mundo tem o seu exército de missionários que por toda a parte anunciam que o céu está vazio, que nenhum Deus lá está a receber as nossas orações e que o nada é o fim de tudo. A religião é batida com um furor tal que espanta os próprios indiferentes e scépticos. Portanto se queres guardar a religião, é preciso defendê-la.

Casimiro Perier, no leito da agonia, assim dizia ao jovem médico que o tratava: «Meu caro e jovem doutor, a religião, a religião, isso é que é importante! Sem ela, nada! Sou eu que lho digo e terás ocasião de o observar. Tenha, pois, cuidado!»

Falam assim os sábios quando encaram as realidades.

Não demos, pois, ao mal que nos rodeia um assentimento aparente calando-nos ou abstendo-nos. Não atraçemos a causa religiosa pela nossa inação e nossas reticên-

cias. Ninguém tem hoje o direito de dizer que não tem tempo para se ocupar da religião.

«Não tenho tempo de pensar em Deus nem na alma» dizes tu ainda.

Não tens tempo? Ora vamos lá ver! O que é que Deus te pede? Ao ouvir certa gente parece que os deveres religiosos absorvem um tempo imenso e que só são possíveis para quem não tem nada que fazer. Nada disso! Cinco minutos para a oração da manhã e outros tantos para a da tarde; total: dez minutos. Uma hora ao domingo e dias santos de guarda para assistir à Missa de obrigação; total: sessenta horas (ou pouco mais). Juntamos a isto uma hora para a confissão e comunhão pascal e... pronto.

E depois, a religião é muito menos uma questão de tempo que uma orientação de pensamento e da vida.

Por muito que os teus deveres de estado te absorvam, quem é que te impede de levantar o teu coração para Deus algumas vezes por dia, de lhe ofereceres o teu trabalho, os teus cuidados, penas e privações? Quem é que te impede de lançar para Deus o grito das tuas dores e das tuas alegrias? O que é que te impede de lhe consagrar, por uma ascensão interior, os estudos da tua juventude, — os trabalhos e inquietações da idade madura, — os passos vacilantes da tua velhice, — a tua voz que desaparece, o teu ardor que se extingue, o teu último suspiro que se exala?

Quem te impede, ou quem te pode impedir de trabalhar e sofrer, de viver e morrer por Ele?

Não pode ser séria nem verdadeira essa tua desculpa de falta de tempo.

— Que não tens tempo de pensar na tua alma? Se isso é verdade, lastimo-te sinceramente.

Um missionário fazia um dia a seguinte pergunta: «Quantas horas gastas tu por dia a cuidar do teu cavalo para o teres em bom estado?»

— Perto de duas — E a tua alma? Já pensaste nisto?

— Palavra, que não!

— Visto, pois, que gastas tanto tempo com o teu cavalo e nenhum com a tua alma, eu antes queria ser teu cavalo que tua alma.

— Tens tempo para comer? Com certeza. O teu corpo não poderia viver sem comer e se o teu patrão te não desse tempo tu o arranjarias ou lhe abandonarias o estabelecimento.

Faz, pois, tanto para a tua alma como fazes para o corpo, visto que ela é a parte mais nobre e principal de ti mesmo.

Sustenta-a com as crenças e práticas religiosas que são o seu alimento e vida. Olha que a tua alma é imortal. Assegura-lhe uma eternidade feliz. Nunca pensas nisto. De manhã até à noite preocupado somente com o trabalho, com os olhos fixos num fim a atingir, numa fortuna a adquirir, num papel a desempenhar, vais para a frente com um ardor que nada abate e que o caminhar dos anos parece aumentar. O sucesso coroa os teus trabalhos e uma alegria íntima, profunda, invade o teu coração ao ver que os teus negócios prosperam e que a fortuna aumenta.

E eu, cá por dentro, censuro-te e lastimo-te porque vejo que sacrificas o principal, no acessório. As preocupações da terra fazem-te esquecer os pensamentos da fé. Ganhando um mundo, perdes a alma. Isto não é cristão; não é razoável.

E há na semana um dia que pertence a Deus e à alma. Que fazes tu nesse dia? Serás também dos que dizem:

«Não tenho tempo de santificar o domingo».

Se isto tivesse fundamento, seria grave. Não creio, porém, que o tenha, ao menos na maioria dos casos.

— Tu, rico, dizes que não tens tempo de santificar o domingo. Não acredito. Tu, que tens tempo para tanta visita inútil, de te entregar a tantos ajuntamentos de prazer que dão em nada, de fazer viagens de recreio ou de negócios que bem poderiam ficar para o outro dia, não tens tempo para santificar o domingo! Portanto, se quiseres, tens tempo de observar o repouso dominical e de o santificar.

— Tu, operário, não terás tempo de santificar o domingo, tu que ainda replicas que tendo de comer todos os dias, terás também de trabalhar todos os dias. E eu respondo-te que comendo todos os dias é forçoso descansar ao domingo e se não se descansa na igreja lá se irá para outra parte nesse ou noutro dia.

Conheço muitos operários arruinados pelo deboche e não conheço nem um que o esteja por guardar o domingo.

Quando se suprime o domingo, eu temo duas coisas para o operário: tenho medo do seu trabalho e do seu repouso. Receio o seu trabalho se este não tem interrupção e receio o seu repouso se ele não é santificado, se não é protegido, tornando mais pesado o cansaço da alma e do corpo.

— E a mãe de família não terá tempo. Desculpa-te com os serviços da casa e os cuidados a dar aos filhos. Perdão! Primeiro que tudo o que tu deves a teus filhos é o exemplo do cumprimento de todos os deveres... e se desobedece a Deus, como podes tu esperar que os teus filhos te obedeam? E lá se vão por água abaixo todos os vossos cuidados e projectos. Os teus filhos te encherão de amargura e terás de responder no tribunal de Deus pela tua alma e pela deles.

— E nós, portugueses, não teremos tempo de santificar o domingo? Será verdade? Há povos mais activos, mais industriais, mais ricos, para quem o tempo é dinheiro. E em muitos deles, como na América, logo que o sino anuncia o dia do Senhor, cessa tudo. Forjas, carros, correios, apenas alguns comboios. Cafés, bilhares, tudo está fechado.

O presidente americano Grant dizia que o que tinha visto de mais belo na velha Europa eram as grandes catedrais, obras primas de arte religiosa e acrescentava: «O passado não produziu todas estas maravilhas senão por causa do domingo e o domingo é o dia em que Deus rega a planta do trabalho para que este produza os seus frutos».

Belas palavras e grande lição! — Demos à religião, a Deus, à nossa alma, ao domingo, o respeito que lhe devemos. Não perderemos o tempo com que compramos a paz da consciência, a honra do lar, a segurança social, as prosperidades da terra e as alegrias eternas do Céu.

Em vez de Deus...

O João Luís não era o mesmo rapaz.

Ele sempre tão alegre, tão jovial, tão aberto e franco... agora era certamente objecto de graves apreensões.

Por vezes vinha ter comigo, falamos longamente.

Nas longas tardes de férias grandes — tardes saudosas que não voltam mais eu e ele com um outro iam-nos para o adro da igreja paroquial absorver a largos haustos o encanto daquela mansão de paz.

Havia pela banda do norte um banco tosco, cavado na muralha da torre.

Era ali, naquele recanto isolado e silencioso, que, cansados de lhe passear em volta, nos iamos sentar na conversa.

Do que então se falava bem me lembro eu.

Recordações de infância histórias da vida de seminário entremetiam-se com doces sonhos de apostolado futuro e de trabalho aturado em prol das almas.

E os olhos dos meus amigos abriam-se abriam-se como se já lhes estivesse diante a visão gentil que eu lhes criava ao falar.

Parecia que as almas se lhes abriam como corolas de rosas brancas à luz do sol quando mais alvo rece.

Calava-me e eles ficavam-se mudos em seguimento de alguma coisa que de longe lhes acenava.

Depois cortava eu o silêncio para os fazer falar com alguma das muitas lírias que gostavam de me ouvir contar.

Mas cá por dentro gosava eu também.

Com que carinho os não ia eu tratando e cuidando!...

O jardineiro, se tem flores de estimação, mal amanhece vai logo vel-las e o último raio do sol ao despedir-se deixa-o imerso nos cuidados que o absorvem.

Que havia de eu fazer se o Senhor mas confiara se as via crescer, desenvolver-se para daí a pouco florescerem no altar do Senhor?

Com que amorosa ternura os ia vigiando, formando e instruindo!

Dentro daquela alma em botão lá pouco e pouco derramando o que na minha havia de menos mau.

Revia-me neles quando os imagi-

nava a trabalhar na grande vinha do Senhor.

Ah! quando viria essa hora tão desejada deles e de mim!?

Quando o sol nos deixava e o sino tocava as Trindades de fé resávamo-las e a seguir começava-se o terço ou de joelhos diante do SS.^m ou passeando em volta da igreja.

Era certa a repetição da visita que fizéramos ao chegar.

Não se compreendia que estando ali o Mestre tão perto o deixássemos sem lhe dizer adeus.

E com a bênção d'Ele se findava docemente o dia, partindo cada qual para sua casa.

O João Luís era um rapaz ingenuo e bom que me conhecia desde que, creancita, começara a conhecer alguém.

Não havia refoelhos naquela alma. Alegria ou tristeza, medo ou confiança, socego ou inquietação tudo se lhe vinha espelhar nos grandes olhos castanhos dando-nos dele uma certeza que não falha.

Habituar-me a ler-lhe nos olhos. (que na verdade, não é tão difícil, ler nos olhos, como à primeira vista parece).

O que mais vezes se lia ali era a alegria confiada e tranqüilla da criança que por mais que pense nada vê que a preocupe.

Passaram-se anos. O João Luís estava então nos 18. Era uma linda estampa de rapaz.

A-pesar-de qua.squer dificuldades lá ia e ia bem.

Certo dia aqueles olhos deixaram de me fitar e de me permitir que os fitasse.

Porquê?

Não houve maneira de o descobrir. Ficava meio sério, cabisbaixo demasiadamente socegado.

Não gosto nunca de ver um rapaz com geitos de homem. É mau sinal. E naquele caso também.

Louca, a imaginação corria à rédea solta.

Com ela os sentidos prescindiam de freio.

A ruína era fatal.

«Quem ama o perigo nele perecerá.» Um ano depois, o João Luís saía do Seminário.

Está casado tem já três filhos e vive do seu trabalho não longe daqui.

Que se passara?

Parece ressaltar do que aí fica. Contudo a história é bem diversa.

A companheira da sua vida nem sequer o conhecera em seminarista.

Que houve então?

Na igreja aonde todas as semanas ia ensinar a doutrina cristã prenderam-se-lhe os passos que o levavam ao altar.

Havia uma rapariga gentil como ele, mais piedosa do que ele mas sem saber o que são os 20 anos que ela contu-do estava a fazer.

Também ela ia ensinar a doutrina. Um olhar e outro...

De vez em quando duas palavras a fugir: eis o que se passava.

Pouco a pouco, atraz da simpatia veio a afeição e depois o amor.

Rapidamente o João Luís deu ordem de despejo do coração e instalou nele, o amor daquela rapariga.

— E o altar?
— E o sacerdócio?
— E as almas?
— E Deus?

Para o altar é o sacerdócio para cuidar das almas não faltariam rapazes.

Ele... ia já aspirando em devaneios a encantadora paz do ninho a fundar.

— E Deus?...
Deus olhou-os, esperou e... riu-se. Com Deus não se brinca.

Dois meses depois, longe da família e dele finara-se de morte quasi repentina e misteriosa a rapariga que o transtornara.

Num momento tombava-se todo aquele castelo edificado no ar.

Ela conquistara-o a Deus.

Colhendo-a em flor, quebrava Deus o encanto de todos os sonhos doirados. E nada ficava naquela alma em vez de Deus.

Esta história contou-ma há tempos um sacerdote cujo nome não estou autorizado a publicar.

Ao ouvi-la, ia pensando de mim para comigo.

Pelos sacerdotes há já, louvado Deus, muitas almas que se sacrificam e imolam fazendo subir as suas preces e mortificações junto de Deus.

E pelos Seminaristas — os futuros ministros do Senhor?

Pelos Seminaristas — a esperança da Santa Igreja, os senhores da futura Evangelização?

Quem ora? Quem se imola e sacrifica?

Ah! Que de vocações se perdem porque nas férias vivem abandonados!...

Quantos que o demónio cresta ou quebra quando o Senhor estava prestes a fazê-las desabrochar!...

Oremos pelos Seminaristas!...

Galamba de Oliveira

Movimento religioso na Cova da Iria

Comunhões mensais

Em Agosto de 1927, primeiro mês que na Cova da Iria existiu o zeloso Reitor — P.^o Manuel de Sousa, o número aproximado de comunhões foi de 12.000. Em Setembro de 1927, 11.500; Outubro, 16.000; Novembro, 1.500; Dezembro, 900. Em 1927, houve aproximadamente 41.900 comunhões.

Em Janeiro de 1928, 1.000; Fevereiro, 800; Março, 1.500; Abril, 4.000; Maio, 20.000; Junho, 13.000; Julho, 12.500; Agosto, 14.000; Setembro, 12.000; Outubro, 18.000; Novembro, 1.500; Dezembro, 800. Em 1928, houve aproximadamente 99.100 comunhões.

Em Janeiro de 1929, 900 comunhões, Fevereiro, 1.000; Março, 1.200; Abril, 2.500; Maio, 26.000; Junho, 16.000; Julho, 13.000; Agosto, 12.500; Setembro, 9.500; Outubro, 10.000; Novembro, 2.000; Dezembro, 1.200. Houve, pois em 1929, aproximadamente 94.900 comunhões.

Em Janeiro de 1930, 1.200 comunhões, Fevereiro, 1.800; Março, 2.000; Abril, 2.200; Maio, 18.000; Junho, 10.000; Julho, 9.500; Agosto, 8.500; Setembro, 7.000; Outubro, 11.000; Novembro, 2.200; Dezembro, 1.800. Houve, pois em 1930, aproximadamente 75.200 comunhões.

Extracto do Mapa do Movimento de doentes em dias 13 de cada mês, no Santuário de Fátima.

Ano de 1926, desde Maio, 965; 1927, 1546; 1928, 1639; 1929, 1336; 1930, 1195; Soma 6.681.

Dentre os 5.486 que foram observados desde Maio de 1926 até ao fim do ano de 1929, — 473 trouxeram atestados passados pelos respectivos médicos assistentes e dentre os 1.195 que foram examinados no ano de 1930, — 143 vinham munidos dos mesmos atestados.

Em Maio de 1928, visitaram e prestaram serviços no pósto de verificações médicas, na Cova da Iria, os seguintes Ex.^{mos} Médicos: Dr. José Maria Pereira Gens, Dr. Eurico Lisboa, Dr. Américo Cortês Pinto, Dr. Francisco Cortês Pinto, Dr. Gilberto Veloso, Dr. Weiss de Oliveira e Dr. Gabriel Ribeiro.

Em Outubro de 1928, prestaram serviços ou visitaram o pósto de verificações os seguintes:

Voz da Fátima

Despesa

Transporte	238.272\$55
Papel, composição e impressão de n.º 99 (63.500 exemplares)	3.449\$50
Franquias, embalagens, transporte, gravuras, cartas, placas para endereços e gavetas para as mesmas	1.306\$80
Despesa com a administração em Leiria	1.117\$20
	<hr/>
	244.146\$05

Donativos vários

D. Rosalina de Jesus Batista (distribuição do Beato), 100\$00; Joaquim Alves Tinoco — Pôrto, 20\$00; Irene da P. Cruz Rocha — F. de C. Rodrigo, 20\$00; Aurora Manso — M. Estoril, 20\$00; P. Augusto Durão Alves — Turcifal, 60\$00; Diversos de Ilhavo, 110\$00; Maria Silva — América, 40\$00; Elisa de Lourdes Mesquita — Lisboa 40\$00; Carmina Vieira — Palhaça (distribuição de jornais), 50\$50; Aida de Aguiar Ferraz — Palhaça (distribuição de jornais), 75\$00; José Gonçalves Governo — Casal J. Dias (distribuição de jornais), 15\$00; Afonso de Albuquerque — Lisboa, 15\$00; Inácio de M. C. da S. Montenegro — Lisboa, 20\$00; Amélia Ferreira Peixoto — Leça de Palmeira, 20\$00; Eugénia Gomes Melo e Costa — Povolide, 15\$00; P. Virgínio Lopes Tavares — Açores, 80\$00; Maria Luiza d'Amorim e Castro — Açores, 15\$00; Margarida Monteiro Sousa — Pôrto, 20\$00; Francisco Gonçalves Torce — Açores, 50\$00; Guilhermina da Costa Freitas — Famalicão, 30\$00; Olga M. Pereira, A. Nobrega da Fonte e Maria da Natividade Vieira — Madeira, 130\$00; Umbelina Amélia Barbosa — Alqueribim (distribuição), 83\$00; P. José Rod. da Costa — Valbum, 122\$00; Manuel Gonçalves Viana — Espozende, 20\$00; Joana E. da Z. V. C. Branco — Pôrto, 15\$00; Joaquina Rosa Ramalho — Lisboa (distribuição), 30\$00; Elvina Nunes da Fonseca — Lisboa (distribuição), 50\$00; Apostolado da Oração — Vila Viçosa, 50\$00; António Guedes — Perosinho, 15\$00; Margarida da L. M. Gomes — Sintra, 15\$00; Angelina da C. Martinho — Sintra, 15\$00; Joaquim A. Pereira — R. dos Moínhos, 20\$00; Maria da C. M. Barreira — R. Maior, 50\$00; Dr. Luís de A. e Silva — V. N. de Ourém, 15\$00; João Sanches Barjona de Freitas — Lisboa, 15\$00; Miss Belmira Rebelo — Estados Unidos, 20\$00; Maria dos Prazeres Santos — Roma, 20\$00; L. Augusta da S. P. Esmoriz — Matozinhos, 15\$00; Cadaval (distribuição), 20\$00; Mariana J. R. Claudio — Açores, 15\$00; Casa de Saúde, de S. Miguel — Açores, 40\$00; P. Xavier Madruga — Pico (distribuição) 120\$00; Emilia A. de S. G. e Castro — F. do Zezer, 50\$00; Maria G. d'Ol. Soares — Ovar, 20\$00; António P. R. Teles — Coruche, 20\$00; Almiro José Pinto — Macieira da Cambra, 70\$00; Maria Julia M. Ferreira — Pôrto, 20\$00; João J. Bruen de Silveira — Açores, 20\$00; Escola João de Deus — Braga, 30\$00; Adelaide Brancamp de M. B. — Santarém, 20\$00; Hortência de M. Lemos e Menezes — Pôrto, 20\$00; João Francisco Angelo — M. do Ribatejo, 30\$00; Elvira A. M. M. Falcão — Lagoas, 50\$00; Maria do C. Pires — Pôrto (distribuição), 15\$50; Superior do Colégio da Serra — Gôa, 39\$80; Manuel V. Tavares Junior — Portalegre, 50\$00; Azilo dos Cegos — Castelo de Vide, 50\$00; Madalena Régio — Lisboa 20\$00; P. António Joaquim Ferreira — Carvalhos (distribuição), 100\$50; Manuel José L. Dias — Lisboa, 18\$00; Distribuição em Pardelhas, 100\$00; Maria Izabel M. da C. Russo — C. de Vide (distribuição), 25\$00; Libânia M. R. Peres — Lisboa, 15\$00; José dos Santos — S. Martinho, 15\$00; Izabel da Piedade Vieira — Torres-Vedras (distribuição), 42\$50; Maria A. das Dores S. Almeida — Faro (distribuição), 65\$00; Olinda V. Gonçalves — Pôrto, 20\$00; Glória da Costa — Vouzela, 20\$00; António José Valente — Mafra, 15\$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas por ocasião da distribuição de jornais:
Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, no mês de Novembro de 1930, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Gouveia, 10\$00; Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Dezembro de 1930, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Matilde da Cunha Xavier, 27\$80.

"O Jesus Pequeno",

Uma menina de 10 anos, que tinha sido levada por uma companheira sua a uma das nossas catequeses, estando um dia sosinha na pobre mansarda da sua família, demoradamente chegada ao fogão, pegou o fogo aos seus vestidos. Os vizinhos correram aos seus gritos, e juntando-se à volta dela, procuram fazer-lhe bem.

O corpo da pobre criança é uma chaga viva... E' estendida sobre um montão de farrapos, leito habitual de toda a família. Os seus gemidos cortam a alma...

Seu pai e sua mãe, pobres jornalheiros, estão inteiramente desolados. Preguntam à criança o que lhe poderiam fazer para aliviar. A pequena responde com grandes esforços, que queria ver a sua senhora catequista. Foi grande o espanto e embaraços desta pobre gente que nunca tinha ouvido falar dela, julgando mesmo que a sua filha não pensava nisso.

Uma companheira sua, atraída pelo acontecimento, explica-lhes o caso, e encoraja-se de chamar a senhora, não sabendo contudo a morada dela. Sabe unicamente que não habita aquele bairro; mas guiada pelo desejo de conseguir sabê-lo chega a encontra-la levando-a em breve a vê-la doente. A senhora mal reconheceu a sua aluna, de tanto que estava desfigurada. Aproximou-se dela, abraçou-a, e perguntou-lhe o que a poderia alegrar... A criança respondeu como num suspiro: «Jesus! Jesus!» Levantando-se com grande esforço, repetia ainda «Jesus!» e depois, estendendo os pobres bracitos cobertos de chagas exclamou:

— Mas, peço-lho, dê-me o Jesus pequeno, aquele que me prometeu no catecismo; eu não preciso senão d'Ele, não quero senão a Ele.

A este último apêlo a senhora compreende, e desligando o Crucifixo que trazia ao peito, dá-o à criança.

Então o rosto da criancinha ilumina-se com uma expressão de indefinível felicidade, agarra a cruz apertando-a ao seu coração, e depois levando-a aos lábios, murmura docemente, sem mais a deixar:

— Jesus, que eu amo tanto, que morreu por mim... como eu sou feliz!

Algumas semanas depois, contra todas as provisões humanas, a criança estava curada. Seus pais, graças à caridade das senhoras catequistas deixaram o seu apeto miserável. Pediram por sua vez, para conhecer também aquele, que tinha tornado a sua filha tão feliz, mesmo no meio dos maiores sofrimentos.

Como se perde a fé...

Uma menina declara um dia a um padre que lê muitos romances, e outras publicações frívolas, sem ter escrupulo algum na escolha.

— Mas porque procede assim? diz o padre. É tão perigoso para a sua alma!

— Afirmo-lhe que não me fazem mal nenhum; servem-me até de distração.

— Está bem certa disso?

— Oh! perfeitamente.

— Se assim é, continue e lê-los; unicamente todas as vezes que for abrir um desses livros, ajoelhe-se e diga a Deus: *Meu Deus, vou ler um romance para Vos agradecer; sei que contem más doutrinas, más exemplos e más conselhos, mas que me importa, vou lê-lo para cumprir as minhas promessas do baptismo, procurar a Vossa glória, e a salvação da minha alma.*

— Mas eu não posso dizer essa oração, seria escarnecer de Deus...

— Não, certamente; se essa leitura é boa, pode e deve fazer essa oração.

— Mas...

— Ah! certamente essa leitura não lhe é indiferente, como pensava antes. Fale-me com franqueza: Em outros tempos, não era mais piedosa e também mais feliz?

— Sim, na verdade.

— E lia então, esses romances?

— Não, nunca.

— Não gostava então mais dos estudos sérios, dos trabalhos úteis? Não frequentava com mais gosto os sacramentos com mais fervor e alegria espiritual?

— Oh! É bem assim, confesso-o.
— Pois bem; nada mais quero dizer-lhe; acaba de se condenar, e reconhecer que é perigoso para a sua alma proceder como até aqui.

Depois da Santa Comunhão sejamos bem educados

«Receber um hóspede como Jesus-Cristo, não em uma hospedaria de passagem, mas na sua casa escolhida e, mal recebido, voltar-lhe as costas, como faz o convidado para o enterro, que, mal baixado o defunto à cova, lhe volta o dorso e se retira!...

Jesus, o inefável conviva, é filho de boa família e de pais nobres pela ascendência... Sejamos polidos. Não usemos para com Ele da grave descortezia de que não usaríamos para com um titular ou um cavalheiro qualquer da simples burguezia, que nos viesse visitar a nossa casa. Certamente o receberíamos com urbanidade, o mandaríamos sentar e lhe faríamos sala com os melhores termos de um carinhoso agasalho.

Façamos sala ao Filho de Maria, ao menos durante esse curto espaço em que, atraído pelo amor e pela forma sacramental às espécies do pão e do vinho, estas permanecem incorruptas no nosso interior»

P. Senna Freitas

Más companhias

Um pai tinha um filho, já grandote, e que parecia não enveredar por bom caminho.

— Anda cá, Manuel! Eu sei que andas por aí metido com a matulagem da peor espécie! Tem cautela, meu filho! Olha que os meninos são como as maçãs. Se pomos uma maçã boa ao pé de outras podres, no fim todas apodrecem.

— Esteja descansado, meu pai, que eu não sou maçã nenhuma!

Se não quiser ser mau, não sou! E lá por andar junto com os outros, isso não faz ao caso, porque eles não são capazes de me obrigar a fazer o mal.

— Olha, filho, sei que não és maçã, mas acredita que raciocinaste agora como uma abóbora! Tenho pena de que assim sejas! Eu já não verei, mas agouro mal de ti.

E infelizmente assim foi. Como se não livrou dos amigos podres, apodreceu como as maçãs.

Dize-me com quem andas, dirte-hei quem és.

Lembra-vos bem desta máxima e não queirais nunca acompanhar nem tratar com aqueles que trocam de Deus e das coisas santas, que não frequentam os sacramentos, que passam a vida nos cafés e nos bordeis, nos centros de cavaco e nas tabernas.

O REMORSO

Conta-se que um rei da Dinamarca tinha assassinado seu pai para reinar em seu lugar.

Parecia feliz, porém não o era. Andava interiormente aterrado, o seu coração estremecia de pavor, negras visões se cruzavam diante dos seus olhos.

Uma noite, no meio de um baile, começaram a tremer-lhe as pernas, a sua frente empalideu, e do peito escapou-se-lhe este grito: Apaguem as luzes. O que fôra? — O rei patricida julgara ver a sombra de seu pai.

Mas, apagadas as luzes, a visão não desapareceu. Parecia-lhe estar vendo, ao fundo de um salão, iluminado com luz sinistra, um fantasma de olhos scintilantes que se dirigia para êle. Cheio de medo exclamou:

— Quem és, ó sombra, que me persegues? És meu pai?

— Não, respondeu o fantasma com voz que o encheu de espanto: se fôra teu pai perdoar-te-hia. Mas eu não te perdoo: sou o remorso.

UMA PROVA

Estava profetisado desde mais de 5 séculos antes de Jesus Cristo vir ao mundo que Ele havia de descender de Abrahão, Isaac, Jacob e David; que havia de nascer de uma Virgem, que havia de nascer em Belem, 70 semanas depois da reconstrução de Jerusalém; que se chamaria Emmanuel, o admirável, o conselheiro, o Deus forte, o Pai do século futuro, o Príncipe da paz; que entraria no segundo templo; que a sua voz os cegos, os surdos, os mudos seriam curados; que seria coberto de chagas, seria traspassado, que ficaria sem formosura como um leproso, que lhe jogariam os vestidos, que lhe dariam vinagre para beber; que no sepulcro seria glorioso; e tudo se realizou à letra.

Dr. José Maria Pereira Gens, da Batalha; Dr. António Paúl, do Pôrto; Dr. Weiss de Oliveira, de Lisboa; Dr. Jacob Magos Pinto Correia, de Tremês — Santarém; Dr. Pereira Continho, de Cascais; Dr. Manuel Pinto Moreira Ramos, de Vila Nova de Gaia; Dr. João Lopes Cardoso, de Gondomar; Dr. Américo Cortês Pinto, de Leiria; Dr. Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, de Louzada; Dr. Augusto de Azevedo Mendes, de Torres Novas; Dr. António Parreira Cabral, de Lisboa; Dr. António Luz Preto, de Vila Nova de Ourém.

Em Maio de 1929 estiveram em serviço no pósto médico na Cova da Iria os seguintes Clínicos:

Dr. Augusto Mendes, Torres Novas; Dr. António Luz Preto, de Vila Nova de Ourém; Dr. Eurico Lisboa, de Lisboa; Dr. Teles Sampaio Rio, de Leiria; Dr. Américo Cortez Pinto, de Leiria; Dr. Francisco Cortez Pinto, de Lisboa; Dr. António Santos Saraiva, de Leiria; Dr. Duarte Proença, de Tomar; Dr. Tavares da Mata, de Tomar; Dr. Weiss d'Oliveira, de Lisboa; Dr. Gabriel Ribeiro, de Lisboa; Dr. Gilberto Veloso, de Coimbra; Dr. Adriano Pimenta, de Alvor; Dr. Jerónimo Carlos da Silveira, de Tomar; Dr. Reis Mata, da Barquinha; Dr. Vaz Pato, de Oliveira do Hospital.

(Dos outros meses não há registo).

No livro respectivo faz-se já menção de 6 turnos dos exercícios espirituais dados na Cova da Iria por diversos sacerdotes notáveis por sua sciencia e virtude.

Estes exercícios têm sido dados aos servitas dum e doutro sexo (em turnos diferentes), a diversas pessoas que isso pedem, e ultimamente houve também um turno dado a 11 distintos médicos da nossa terra.

Deram estes exercícios os Rev.^{dos} Padres — Raúl Dias Sarreira, António Vaz Serra e Luis Gonzaga da Fonseca.

O Pároco

Palavras de Lamartine:

«Há em cada paróquia um homem que não tem família, mas que pertence a todas as famílias; que se invoca como testemunha, como conselheiro, ou como agente, nos actos mais solenes da vida; sem o qual ninguém pode nascer nem morrer; que toma conta do homem no seio materno, e não o larga senão na campa; que benze ou consagra o berço, o leito nupcial, o da morte e o túmulo; um homem que as criancinhas se afazem a amar, respeitar e temer; aos pés do qual os cristãos vão derramar as suas mais íntimas confidências, as suas mais secretas lágrimas; um homem que é por officio o consolador de todas as dores da alma e do corpo; o medianteiro forçado da riqueza e da indigência; que vê o pobre e o rico vir alternadamente bater à sua porta, o rico para liberalizar a esmola, o pobre para a receber sem rubor; que, não sendo exclusivo de grau algum social, pertence igualmente a todas as classes, às classes inferiores por sua vida pobre, e muitas vezes pela humildade do seu nascimento, e às altas classes pela educação, pelo saber, e pela nobreza de sentimentos, que uma religião toda de amor inspira e manda; um homem finalmente que sabe tudo, e tem direito de tudo dizer, e cuja palavra cai do alto sobre as inteligências e os corações com a autoridade de uma missão divina, e como o império de uma fé sem réplica. Este homem é o Pároco.»

Estas palavras do grande poeta e escritor conservam ainda hoje toda a sua actualidade.

Quantas pessoas que passaram a vida, nos dias de prosperidade, a perseguir a Igreja e o padre, quando chega a hora da desgraça é ao padre que vêm pedir auxilio, conselho e... pão.

Deus defende e livra o humilde; ama-o e dá-lhe consolação, inclina-se para êle, concede-lhe graça e depois do seu abatimento o levanta a grande honra.